

Piauí

DA LUTA À TERRA PROMETIDA: A CONQUISTA DE QUEM NÃO DESISTIU



Na zona rural de Jacobina do Piauí (PI), o casal José Leal Campos, de 50 anos, e Rosalbete de Andrade Carvalho (Betinha), de 51, constroem uma vida marcada pela perseverança e pelo amor à terra. Naturais do município, se conhecem desde a infância e definem a própria história como “amor à primeira vista”. Casados desde 1994, são pais de Daniela Carvalho, de 28 anos, técnica de enfermagem, e Carlos Daniel, de 25, técnico em telecomunicações.

A LUTA PELA TERRA

A história de Betinha e José na luta pela terra começou em 2006, em um contexto marcado pela concentração de terras nas mãos de grandes fazendeiros da região. Sem acesso à terra, as famílias se organizaram e protagonizaram uma intensa luta pela reforma agrária. Dessa mobilização nasceu o Assentamento Terra Prometida, onde o que antes era símbolo da concentração fundiária passou a representar trabalho, produção de alimentos e construção de novas oportunidades para quem vive da agricultura familiar.

Com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do município, as famílias se organizaram e formaram uma associação. O processo de reforma agrária foi longo e marcado por desafios, com negociações burocráticas e demoradas.

Ainda em 2006, Betinha assumiu a liderança da associação e passou a representar o grupo. “Eu ia para outras cidades resolver as coisas e muitas vezes voltava sem solução, mas nunca pensei em desistir”, recorda ela.

Nesse período de espera e incertezas, enquanto o processo ainda estava em andamento, José e Betinha viviam na propriedade dos pais dele. A persistência de Betinha foi fundamental para a trajetória do casal e de outras famílias que seguiram até o final do processo.



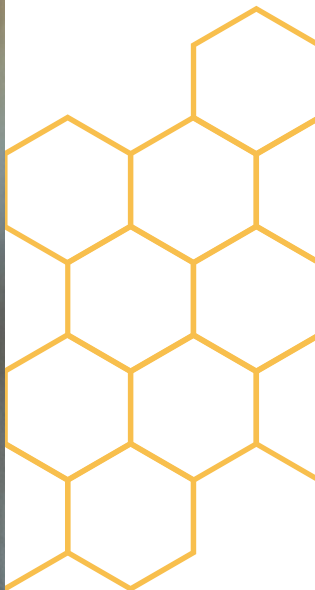
Em 2011, o processo da reforma agrária foi concluído e, só em 2012, as famílias finalmente ocuparam a terra. Ao chegar ao local onde construiriam uma nova vida, encontraram a área ainda coberta pela vegetação nativa, e os lotes foram distribuídos por sorteio entre as 25 famílias que participavam da associação.

Com esforço próprio, as famílias iniciaram a construção das casas e, nesse período, Betinha recebeu a cisterna de primeira água, por meio do Programa Cisternas, da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), em parceria com o Governo Federal, executado pela Cáritas Regional Piauí — um marco importante para o início da vida no assentamento. “Foi uma alegria muito grande, parecia que tudo estava começando de verdade”, lembra Betinha.

Mesmo com as conquistas, um sonho ainda está em andamento: a escritura definitiva da terra. Atualmente, o documento permanece vinculado à associação, e as famílias aguardam a quitação para a obtenção do título individual.

Entre conquistas e desafios, Betinha e José seguem construindo sua história no Assentamento Terra Prometida. Um percurso que continua sendo escrito no cotidiano da vida no campo.

DA TERRA À PRODUÇÃO: A FORÇA DA APICULTURA E DA OVINOCULTURA



Com uma propriedade de 34 hectares, a família iniciou suas atividades produtivas na apicultura, a partir do acesso ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), uma política pública que oferece crédito para agricultores familiares investirem na produção. Com esse apoio, foi possível estruturar a atividade e dar início ao manejo das abelhas.

O trabalho com as abelhas - *Apis mellifera africanizada* - exige cuidado constante. O casal acompanha o período de floração, observa a chegada dos enxames, realiza a limpeza do entorno das caixas e monitora o desenvolvimento das colmeias. Quando o mel está no ponto ideal, fazem a colheita e organizam a produção para comercialização.

Hoje, Betinha e José possuem 78 caixas de abelhas, e o mel se tornou uma das principais fontes de renda da família. A produção é comercializada por meio de cooperativas da região do Vale do Itaim, o que permite vender diretamente, sem atravessadores. Em 2024, por exemplo, o casal colheu cerca de 1.040kg de mel, a maior colheita da família.

Mesmo diante dos efeitos da emergência climáticas que afeta a ocorrência de chuvas na região, o casal mantém estratégias para fortalecer a atividade, investindo no plantio de espécies adaptadas ao Semiárido como leucena, moringa e algaroba. Essas plantas florescem mesmo em períodos secos, garantindo alimento para as abelhas e contribuindo para a permanência dos enxames na área.

O casal também cultiva espécies que contribuem para a conservação da umidade do solo como a palma forrageira, cujo caule armazena água e energia, auxiliando na manutenção da produção mesmo em períodos mais secos. Além disso, preservam a vegetação nativa, fortalecendo o equilíbrio do ambiente produtivo.

Além da apicultura, a família cria ovinos, contando atualmente com um rebanho de 78 cabeças, destinados tanto ao consumo quanto à comercialização. O manejo da água para os animais e para as atividades do dia a dia é realizado com cuidado, utilizando diferentes fontes disponíveis, como o poço do assentamento, especialmente quando as chuvas são mais escassas.



A rotina no campo exige dedicação diária. José acorda às 4h30 para iniciar as atividades, incluindo a ordenha para consumo próprio. Betinha também atua diretamente na produção e, além disso, trabalha como secretária no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Jacobina do Piauí. José ainda realiza serviços como pedreiro. Ambos concordam que a lida não é fácil, “mas é uma vida que vale a pena”. Para Betinha, o trabalho no campo também é uma forma de cuidar da mente: “é uma terapia”.

O esforço da família já trouxe conquistas importantes, como a compra de um carro. “Foi um sonho realizado”, diz Betinha, que, entre risos, completa que ainda pretende adesivar o carro com a frase: “este veículo é fruto da apicultura”.

Para o casal agricultor, a terra é mais do que produção. É vida, dignidade e futuro. “É um pedacinho do céu”, define a agricultora. É nela que desejam envelhecer, com qualidade de vida, mantendo viva a certeza de que todo esforço valeu a pena.